

## ESPERANÇAR A EJA

*Adriano Vargas (UFF)*

*Allan Rodrigues (UNESA/UERJ)*

É o esperar de Paulo Freire: “É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir!

### Primeiras considerações

O convívio com os estudantes jovens, adultos e idosos, o conhecimento de suas histórias, vitórias e derrotas, nos levam a perceber que a educação pode auxiliar na reestruturação de percursos que fizeram com que eles se distanciassem da possibilidade de conhecer suas potencialidades, e pode auxiliá-los a voltar a sonhar e ter esperança.

Uma antiga canção, interpretada por Zé Geraldo, relata um trabalhador em busca de novas oportunidades. Esse brasileiro ajuda a construir uma nova nação, mas, além de não se sentir integrado a ela, vê-se ainda na condição de marginalizado.

Tá vendo aquele edifício moço? Ajudei a levantar.  
Foi um tempo de aflição eram quatro condução,  
duas pra ir, duas pra voltar.  
Hoje depois dele pronto, óio pra cima e fico tonto,  
mas me vem um cidadão.  
E me diz desconfiado, tu ta aí admirado,  
ou tá querendo roubar?  
*(Lucio Barbosa).*

A história retratada na canção, e as tantas outras histórias de estudantes que recorrem à EJA para retomarem estudos e projetos pessoais, nos remetem ao parecer elaborado pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB-CNE), que, ao acender das luzes desse século, já destacava novos paradigmas relativos à educação de adultos e idosos no Brasil e o fato de que o aumento da expectativa de vida do brasileiro aumenta proporcionalmente a necessidade de ampliar suas expectativas relacionadas ao desenvolvimento de suas potencialidades:

A EJA é uma promessa de qualificação de vida para todos, inclusive para os idosos, que muito têm a ensinar para as novas gerações. Por exemplo, o Brasil também vai conhecendo uma elevação maior da expectativa de vida por parte de segmentos de sua população. Os brasileiros estão vivendo mais. Segundo o

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o número de brasileiros com mais de 60 anos estará na faixa dos 30 milhões nas primeiras décadas do milênio. É verdade que são situações não generalizáveis devido à baixa renda percebida e o pequeno valor de muitas aposentadorias. A esta realidade promissora e problemática ao mesmo tempo, se acrescenta, por vezes, a falta de opções para as pessoas da terceira idade poderem desenvolver seu potencial e suas experiências vividas. A consciência da importância do idoso para a família e para a sociedade ainda está por se generalizar. (BRASIL, 2000, p.227).

Embora possamos acompanhar por meio da verificação de resultados de pesquisas da área (RUMMERT e VENTURA, 2007; RUMMERT, 2008) a implementação de algumas iniciativas voltadas para a ampliação das oportunidades de escolarização de brasileiros jovens e adultos, infelizmente as boas histórias, com finais felizes, são ainda exceções. Isso é o que nos mostra dados do IBGE que se referem a indivíduos que não conseguiram vislumbrar a possibilidade de retornarem aos bancos escolares, dar continuidade aos estudos e almejar realizar novas conquistas. Por isso, enquanto educadores, não podemos ignorar o fato de que as desigualdades sociais que geram tais dificuldades devem ser combatidas, e nossa forma de combate deve envolver processos educacionais abrangentes e eficazes.

Diante desses inúmeros desafios pedagógicos, reconhecendo o caráter multifacetado e complexo que envolve a EJA, nos questionamos: como contribuir para que muitas Marias, Pedros, Antônio... e tantos outros brasileiros tenham mais do que acesso a situações pedagógicas eficientes, tenham também condições de permanecer dentro desse processo educacional? A nossa resposta/contribuição se faz na forma desta coletânea de pesquisas sobre a EJA.

Analisamos que, ao optarmos por construir este dossiê sobre um assunto tão abrangente e rico de significações e análises, abraçamos um ambicioso projeto que sempre apresentará lacunas e omissões, mas que poderá significar o reconhecimento do esforço de muitos pesquisadores, de muitos educadores, enfim, de diversos brasileiros e estrangeiros envolvidos em um permanente processo que busca tornar possível as expressões “buscamos uma escola de qualidade para todos” e para isso, precisamos “esperançar”.

### **Tessituras das esperanças**

A composição do dossiê é realizada das tessituras das esperanças que estão escritas nos textos aqui apresentados. Nesse sentido, o processo da escrita de cada texto referente ao

campo da Educação de Jovens e Adultos passa por uma forma de testemunhar as esperanças que são criadas e praticadas pelo Brasil e no exterior. A testemunha, aqui, é uma metáfora para remeter uma ideia de dar *sentirver* sobre a presença dos estudos e pesquisas sobre a EJA e as esperanças em forma de lutas por esta modalidade educacional.

Os textos selecionados para o dossiê nos ajudar compreender o estado atual dos estudos no Brasil e uma dimensão internacional como a EJA é praticada em diferentes perspectivas. Do ponto de vista das políticas Educacionais e dos debates das políticas curriculares, por exemplo, podemos perceber uma fragilidade sobre o tema. Tal campo, algumas vezes é marginalizado e é descaracterizado daquilo que foi proposto pelos marcos legais das políticas públicas para EJA CF/88, da LDB 9394/96 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (2000).

O momento atual político da Educação, bem como os processos de criar e pesquisar, nos impõe inúmeras demandas que desafiam nossas lutas cotidianas. O volume dos discursos sobre Educação, Docência, Currículo e EJA seguem na direção de incredulidade daquilo que acontece dentro dos espaços educativos. Assim, vivemos hoje lutando contra a asfixia que se impõe no campo educacional, e mais especificamente, lutando pelo reconhecimento das múltiplas experiências de trabalho com o campo da EJA.

Nesse contexto de controle, de regulação, de asfixia e de redução da potência da do trabalho com EJA, seja nas escolas públicas, nas prisões e outros espaços, as reflexões desenvolvidas nesse dossiê servem como um enfrentamento político e epistemológico para fomentar a legitimidade das práticas cotidianas e os seus modos de fazer-saber (re)existir no campo da Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

Acreditamos que, para compreendermos os contextos locais e os tantos aspectos que concorrem para produzir os cenários que se desenham nas pesquisas em EJA em seu dia a dia, é importante mergulhar nos cotidianos (ALVES, 2008) com todos os sentidos, visto que, as políticas cotidianas estão apoiadas na complexidade de juntar processos singulares e coletivos de pensar a Educação e EJA. Sendo assim, os textos nos permitem mergulhar naquilo nas práticas democráticas emancipatórias que são realizadas no campo da EJA.

Nesse sentido, questionamos qual tem sido o sentido de políticas públicas para EJA? O que ausência dessas políticas pode impactar? Essas e outras perguntas dão o tom nos textos selecionados para o dossiê. Que perguntas ainda poderíamos fazer para reafirmar o campo da EJA como um lugar de importância, de criação e sobrevivência?

Em um texto escrito por nós organizadores já apontávamos sobre o direito dos sujeitos que estudam nessa modalidade:

Outra função da EJA, que deve se apresentar de forma articulada com a anterior, é a Função Equalizadora, que significa a busca pelo direito fundamental de igualdades perante a lei, posta em prática por meio de atos que signifiquem igualdade de oportunidades e formas de dar cobertura para todos os brasileiros que não tiveram uma adequada correlação idade/ano escolar - o direito básico à educação (VARGAS; RODRIGUES, 2016 p. 49)

Acreditamos, baseando em pesquisas e textos anteriores, que o atual momento em que atravessamos no Brasil, é ainda mais desafiador no que tange a EJA. Assim, acreditamos em que é de suma importância dar *versentir* as vozes que compõe este dossiê como uma forma de resistência daquilo que fazemos e criamos com as multidões *espaçostempos* dos cotidianos de nossas pesquisas. Assim, os textos estão cheios de pistas para pensarmos outros caminhos, pensar outros espaços em que se oferece modalidade da EJA.

Ressaltamos que os textos nos relevam uma *prácticopolítica* cotidiana de luta e resistência. Ou seja, os textos aqui, formam uma ideia de Multidão que lutar com diferentes armas (teorias, metodologias e políticas) para trazer à tona a presença da EJA nos debates políticos. O que chamáramos de uma Multidão da Esperança na/para EJA, pois partimos da ideia de multidão (HARDT & NEGRI, 2005) que possa construir uma coletividade em defesa da escola pública e da garantida de acesso e permanência desses sujeitos.

Hardt e Negri (2005) nos demonstram que a ideia de multidão é bastante apropriada para pensarmos os textos e escritas que compõe este dossiê.

Para entender o conceito de multidão em sua forma mais geral e abstrata, vamos inicialmente contrastá-lo com o de povo. O povo é uno. A população, naturalmente, é composta por numerosos indivíduos e classes diferentes, mas o povo sintetiza ou reduz essas diferenças sociais a uma identidade. A multidão, em contraste, não é unificada, mantendo-se plural e múltipla. Por isto, segundo a tradição dominante da filosofia política, é que o povo pode governar como poder soberano, e a multidão, não. A multidão é composta de um conjunto de singularidades – e com singularidades queremos nos referir aqui a um sujeito social cuja diferença não pode ser reduzida à uniformidade, uma diferença que se mantém diferente. As partes componentes do povo são indiferentes em sua unidade; tornam-se uma identidade negando ou apartando diferenças. As singularidades plurais da multidão contrastam, assim, com a unidade indiferenciada do povo (HARDT; NEGRI, 2005, p. 139).

Quando avançamos para dentro das pesquisas sobre EJA, nas conversas com os textos do dossiê, percebemos que o jogo político se faz justamente na perspectiva da multidão e das singularidades que os textos aqui apresentam. Modos de perceber e sentir o

processo da EJA. Modos de pesquisa e ouvir os sujeitos – alunos e alunas da EJA. É preciso dialogar com formas de produção e de reflexão presentes nos currículos que esboçam formas de esgarçamento do controle sobre as práticas, inscrevendo, assim práticas mais emancipatórias.

Negri propõe que multidão se refira ao nome de uma imanência própria de um conjunto de singularidades. Essa noção, como já discutimos, afasta-se da anulação do uno, representado sobretudo no termo “povo”. O conceito de multidão rompe com a unificação transcendental encerrada no conceito de povo, operado pela modernidade de modo a tornar inexistente a percepção das múltiplas singularidades. Sendo a multidão imanência e multiplicidade de singularidades, ela escorre – como água em peneira – da tentativa moderna de aprisioná-la como totalidade.

A sombra do uno não abarca nem pode conter a multidão. Do mesmo modo que a produção de políticas em instâncias externas aos espaços educativos da EJA não pode anular a política que se produz na interface dos múltiplos cotidianos. Os conceitos de multidão e singularidade nos trouxe para o debate de uma outra dimensão da potência da voz docente; outra perspectiva político-epistemológica para compreender essa produção que se faz no “miudinho” das práticas. Também vêm nos indicando possibilidades para pensar os processos e as ações com a formação docente na perspectiva do trabalho coletivo – entendido por nós como necessidade incontornável para o fortalecimento político do trabalho docente em tempos em que ser professor é uma luta cotidiana contra as forças de opressão, de controle e de desvalorização do trabalho docente.

É preciso que se utilize das multidões e de suas vozes, e das *políticaspráticas* cotidianas como engrenagem de uma máquina de guerra no combate às formas de negação da vida e do controle sobre o campo da EJA.

### **Sobre os artigos que compõem o dossiê**

O texto intitulado “**O Fórum de EJA/ES na luta pelo direito à educação: desafios de uma agenda comum em tempos de pandemia**”, de autoria de Edna Castro, Fabian e Karla, analisa a práxis produzida pelo Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Espírito Santo vinculada à extensão universitária, em articulação com o Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA) e movimentos sociais urbanos e do campo. A produção de uma agenda comum torna-se uma busca, por meio de ações conjuntas com outros movimentos sociais, indicando avanços no reconhecimento da pluralidade, no âmbito dos vários

segmentos, e suas reivindicações em defesa da educação e dos direitos da classe trabalhadora, nas diferentes realidades vividas pelos sujeitos da EJA, em suas singularidades, e como essas se materializam em processos de resistência.

Francisco Josimar Ricardo Xavier, Adriano Vargas Freitas e Maria Cecília Fantinato são autores do artigo seguinte, intitulado **“Professora, tô sentido falta da aula”: perspectivas de práticas curriculares matemáticas e o sentimento de pertencimento à EJA no contexto de isolamento social no Ceará**”. Nele, os autores parte da discussão sobre como a prática curricular matemática de uma professora da EJA tem desvelado o sentimento de pertencimento dos estudantes à modalidade. As discussões têm como base alguns áudios e imagens, trocados por meio de *WhatsApp*, entre professora e estudantes, em torno de uma atividade de Matemática, trabalhada de forma remota no período de isolamento social, no segundo semestre de 2020. Os autores concluem que o contexto de isolamento social aflorou um sentimento de carência dos estudantes em relação à escola, que as atividades propostas pela professora, somada às relações de proximidades e afetividade construídas entre ela e os estudantes, influenciam para que eles se sintam pertencente à escola e a EJA.

No artigo de Clarissa Olgin e Larissa Silva, intitulado **“Interdisciplinaridade: explorando o tema Educação Financeira na EJA o texto tem como objetivo apresentar**, encontramos um estudo referente ao desenvolvimento do tema Educação Financeira, na EJA. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indica seis macroáreas temáticas que discutem questões sociais que podem viabilizar uma prática escolar voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental, que devem ser incorporadas no Currículo Escolar de forma transversal, sendo uma dessas temáticas a Educação Financeira, que possibilitaria abordar no currículo assuntos importantes para a vida em sociedade, como finanças, economia e meio ambiente.

Em seguida, Rafael Honorato e Maria Zuleide, no artigo **“Gênero nas políticas de currículo da educação de jovens e adultos – EJA”**, partem da análise das agendas de gênero nas redes políticas globais e suas influências na produção de textos de políticas de currículo para esta modalidade, ou seja, é uma análise da governança. Tal forma de perceber os processos de atuação da política educacional nos dá subsídios para explicar a ausências de discussões sobre gênero no dia a dia da prática docente. O que nos leva a considerar que enquanto imersas nas várias dimensões do poder, as políticas curriculares que buscam a

equidade entre os gêneros, através da educação, não são suficientes para provocar uma mudança na cultura machista.

Em um diálogo Brasil e Espanha os autores Javier Palomar e Jonson Silva apresentam o artigo intitulado **“Tecnologías Digitales en la educación matemática de personas adultas: Un diálogo entre los contextos de Brasil y España.** O objetivo central da produção foi o de discutir documentos e estudos oficiais para o diálogo entre dois países, destacando propostas de trabalhos pedagógicos envolvendo tecnologias digitais com pessoas adultas, tema especialmente atual em um contexto pandêmico como o que vivenciamos. Assim, o estudo discute as facilidades e dificuldades que estes indivíduos encontram com estas tecnologias, e destaca a necessidade de criação de oportunidades que facilitariam o processo de ensino e de aprendizagem da matemática em contextos digitais.

Em **“A pedagogia social e o ato pedagógico no contexto da educação de jovens e adultos”**, Ademar Carvalho e Gleibiane nos fazem pensar a EJA no contexto das novas demandas sociais e na perspectiva da efetivação da práxis pedagógica, para transformação e emancipação humana. A discussão fundamenta-se no pensamento pedagógico da pedagogia social Freiriana que expressa uma conectividade com o método dialético-diálogo como instrumento para a formação da consciência crítica.

**“Escritas juvenis e espaços fronteiriços com a educação de jovens e adultos: quais diálogos?”** é o título do artigo das autoras Raquel Carine Martins Beserra e Maria Eleni Henrique. Elas tiveram como objetivo compreender quais diálogos vêm sendo entrelaçados entre as juventudes e a modalidade EJA, tendo em vista a relação entre seus modos de ser e fazer culturais, caracterizados aqui como escritas juvenis, com os arranjos institucionais na rede municipal pública de Fortaleza, entre os anos de 2017 até 2019.

Os autores Jacqueline Litcano e Luiz Carlos Leal Junior nos apresentam uma entrevista intitulada **“Educação de Jovens e Adultos: práticas e políticas em uma visão institucional”**. Esta entrevista, realizada com Amanda Vieira, Diretora Adjunta Acadêmica do Instituto Federal de São Paulo, Campus Sertãozinho, destaca as micro e macroestruturas em que se insere o PROEJA. Trata-se de um olhar institucional dado por alguém que já esteve em posição de relação direta com os educandos representantes da demanda pela modalidade de ensino, a partir da sua vivência no trabalho docente e, também, como uma dirigente educacional. Esta experiência propiciou à Amanda uma visão panorâmica no que tange seu trabalho atual enquanto gestora, visto que já esteve em cena e, hoje, nos bastidores, auxilia na melhor compreensão dos processos que engendram as relações das camadas

populares com a Educação, bem como as relações entre educadores e educandos, educadores e gestores, educandos e gestores etc.

O artigo intitulado **“Educación de Jovenes y Adultos: transformando dificultades en oportunidades”** dos autores Carmen Pineda Nebot e Jones Nogueira Barros, tem como objetivo analisar a situação da educação voltada aos jovens e adultos. Desta forma, a investigação exploratória abre espaços para análises de documentos oficiais e bibliográficos, além de outras fontes, que servem para se chegar a algumas conclusões e recomendações que possibilitariam a melhoria desta modalidade educacional.

Em seguida, o artigo de Tiago Bruno Areal Barra e Flávio Muniz Chaves, **“A Educação de Jovens e Adultos, as narrativas e as ruas: um processo pedagógico de construção de si”**, nos convida a compreender de que maneira os sujeitos da EJA constroem as suas práticas de vida tendo como base o seu processo pedagógico vivencial em espaços formais e informais de ensino. Nesse percurso, a dimensão da narrativa de vida, em seu aspecto educativo, é refletida em suas diversas nuances epistêmicas.

Luiza Ferreira Rezende de Medeiros e Vanessa de Jesus Rocha Santos, no artigo **“Estudos em Educação de Jovens e Adultos: a importância das revisões sistematizadas”**, buscam identificar e analisar as publicações na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos – EJA contemplando os anos de 2011 a 2020, por meio de uma revisão da literatura guiada pelas seguintes questões: quais temáticas têm sido objeto de investigação na EJA? A formação dos professores da EJA destaca-se nos anos avaliados? A busca foi realizada nas bases de dados Scielo. As autoras concluem que a EJA constitui uma profícua área de pesquisa e produção do conhecimento, as pesquisas enfatizam de forma mais proeminente contribuições na prática pedagógica e de cunho social para a EJA.

No artigo intitulado **“EJA e a formação inicial de professores: análise dos cursos de Pedagogia do Instituto Federal de São Paulo”**, as autoras Beatriz Aparecida Machado Goes Tamara Lima destacam o pensar sobre a formação de professores, discutindo a formação inicial do pedagogo para a atuação na EJA. Para isso, analisam o espaço que esta modalidade ocupa nos cursos de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP).

Em seguida, Reinaldo Batista dos Santos e Elione Maria Nogueira Diógenes, no artigo **“Educação de Jovens e Adultos e o sentido que habita a expressão “fique em casa!”: a (in)visibilidade das pessoas em situação de rua”**, convidam o leitor a analisar que a perspectiva da Educação ao longo da vida, não diz respeito à EJA apenas como uma

modalidade escolar. Ao contrário, ela levaria em consideração a educação como um direito. Dessa forma, contam com os teóricos Certeau (2009) e Santos (2010), dentre outros, que ajudam a compreender a condição de (in)visibilidade sofrida pelos sujeitos que sempre estiveram do “outro lado da linha”.

O texto intitulado **“A educação de jovens e adultos em prisões: os sentidos da escolarização para os presos da penitenciária lemos brito, Salvador/BA”**, dos autores Antonio Pereira e Alcimar Meirelles tem como premissa analisar os sentidos da educação e da escolarização para os presos da penitenciária lemos brito, localizada na capital baiana. tendo como questão de partida, qual o sentido da escola, da educação e da educação em prisões para os presos do pavilhão que ainda não ingressaram no processo de escolarização da penitenciária Lemos Brito?, apresentam uma série de importantes análises desenvolvidas por meio da análise de conteúdo em bardin.

O artigo dos autores Eduardo Ferreira dos Santos, Lêda Regina de Jesus Couto e Agnaldo Pedro Santos Filho, intitulado **“Educação de Jovens e Adultos: reflexões e possibilidades no uso do livro didático de Inglês”** teve como objetivo a análise da proposta para o trabalho com a língua inglesa de um Livro Didático que é parte de uma coleção selecionada pelo Programa Nacional do Livro Didático EJA. Dentre as análises, a verificação da existência de sugestões de atividades numa perspectiva crítico-reflexiva libertadora, que poderiam complementar os conteúdos de cada capítulo. Ao final, os autores concluem que, embora se observe a presença de temas relevantes, a obra é insuficiente no que tange a indicações de possibilidades para desenvolvê-los.

Rogério Andrade Maciel, Joana d'Arc de Vasconcelos Neves, Franciele de Almeida Magalhaes, no texto intitulado **“Cultura material da Mandiquera e a proposição do currículo na Educação de Jovens e Adultos”**, analisam a cultura material da mandiquera no cemitério, e a proposição do currículo cultural para a EJA na Amazônia Bragantina, Estado do Pará. O texto aponta que há no cenário brasileiro tanto o desmonte da EJA, acentuada pela invisibilização dessa modalidade nas diretrizes orientadoras da BNCC, quanto a luta pela criação de currículos que valorizem os objetos culturais, os territórios e as diversidades culturais dos sujeitos da EJA, ou seja, currículos orientados pelas práticas culturais.

### **Considerações finais e agradecimentos**

Como podemos constatar pela leitura das diversas produções aqui reunidas, este dossiê visou socializar produções de pesquisadores em EJA, brasileiros e estrangeiros, em

busca do exercício de movimentos de resistência desta modalidade de ensino, e de sua maior visibilidade.

Temos muito a agradecer a cada um(a) dos(as) autores(as) que nos confiaram seus trabalhos e apontamentos, e gentilmente aceitaram participar desta empreitada, desta luta. Conseguimos reunir diferentes perspectivas provenientes de diferente contextos e lugares de fala. Esses diferentes olhares levantam diversas questões históricas e atuais que envolvem a EJA, e alimentam o debate a respeito de sua necessária manutenção.

Outros agradecimentos especiais direcionamos aos editores da Revista Communitas, não apenas pela calorosa acolhida ao nosso projeto, mas também pelo carinhoso acompanhamento de todo o processo editorial. Por fim, o nosso agradecimento ao Prof. Julio Dias, que produziu a bela capa deste dossiê, a partir de foto tirada em uma de suas aulas de artes para turmas da EJA.

A todos e todas, nosso muito obrigado!